

LUTO IMPOSSÍVEL E MELANCOLIA NA TRADUÇÃO DE *MEMÓRIAS DO CÁRCERE*

IMPOSSIBLE MOURNING AND MELANCHOLY IN THE TRANSLATION OF MEMOIRS OF PRISON



Aryadne Bezerra de ARAÚJO

Doutoranda

Universidade Estadual de Santa Cruz

Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e

Representações

Ilhéus, Bahia, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/7738401752089087>

<https://orcid.org/0000-0003-0645-9560>

aryadne.araujo@gmail.com

Élide Paulina FERREIRA

Professora Titular

Universidade Estadual de Santa Cruz

Departamento de Letras e Artes

Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e

Representações

Ilhéus, Bahia, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/8665483312870153>

<https://orcid.org/0000-0001-5513-9366>

epferreira@uesc.br

1

Resumo: Propomos urdir um paralelo entre o trabalho de luto e a cena tradutória – que compreende o instante da escrita tradutória, os tradutores e o texto a traduzir – partindo da leitura de *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos (1954a), e da sua tradução em *Mémoires de Prison*, elaborada por Antoine Seel e Jorge Coli (1988). Seguindo o rastro do pensamento de Jacques Derrida, argumentamos que a tradução mobiliza um processo perdurável de luto pela necessária introjeção do texto “original” e, paradoxalmente, pela impossibilidade de realizar tal intento, uma vez que o outro e sua escrita não estão disponíveis em um presente resgatável. Diante da assimilação interrompida, o luto permanece aberto, prolongando-se na sua indecidibilidade e, por conseguinte, abrindo-se à condição melancólica na “ânsia desejante” pela “inexistente completude” (Peres, 2011) de uma escrita original. Na investigação da tradução da narrativa testemunhal de Graciliano Ramos para o francês, atestamos a *performance* enlutada dos tradutores que, no esforço de repetirem as feridas do outro encarcerado, operam a transformação da sua escrita, deixando entrever as marcas de um luto pelo original que não é presente em si. Desse modo, os tradutores buscam se apropriar sem se apropriar completamente do outro, falar com ele sem silenciá-lo, rasurar sua escrita, sem destruí-la, contra-assinando o texto e um resto secreto e inapropriável da sua alteridade. Apreendemos vestígios dessa busca de apropriação por meio das palavras não traduzidas, das notas explicativas que acompanham essas transcrições, dos signos que, transformados no processo tradutório, compõem a trama melancólica da escrita de Graciliano e dos tradutores; e, por fim, vemos traços dessa busca interrompida de introjeção da escrita do outro na mutação que os tradutores operam no movimento antagônico da melancolia e na linguagem elíptica e “seca” do testemunho original. Nesses gestos, os rastros de uma ferida aberta em *Memórias do cárcere* são relevados por Seel e Coli em *Mémoires de Prison*, no sentido que Derrida (2000) enreda à ação de “relevar”: suprimir e elevar, num mesmo movimento de iterabilidade (repetição e diferimento) que guarda o luto pelo outro não-presente e pela sua assinatura não-apropriável. Os dados aqui apresentados partem da análise da tradução do primeiro volume das *Memórias*, intitulado “Viagens”.

Palavras-chave: Tradução literária. *Mémoires de Prison*. Escrita testemunhal. Graciliano Ramos. Jacques Derrida.

Abstract: We propose to draw a parallel between the endless work of mourning and the translation scene in Graciliano Ramos' *Memoirs of Prison*, and its translation *Mémoires de Prison*. Following the tread of Jacques Derrida's thought, we argue that translation sets in motion an enduring process of mourning due to the imperative necessity of introjecting the “original” text and, paradoxically, to the impossibility of accomplishing such intent



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

– since the other and their writing are not available in a fully approachable present. Once assimilation has been interrupted, the work of mourning remains open in its undecidability and, therefore, open to the melancholic condition of longing for a “nonexistent completeness” (Peres, 2011) of the original. Through investigation of the translation of Graciliano Ramos' testimonial narrative into French, we attest a bereaved translation task that, in an effort to repeat wounds of the other who had been imprisoned, transforms his writing, showing marks of a mourning for a non-present origin. Therefore, translators engender a gesture of appropriating without completely appropriating the other, speaking with him without silencing him, writing over his text, without destroying it, but counter-signing it and a secret rest of his otherness that cannot be appropriated. We notice traces of this bereaved ex-appropriation in non-translated words, and in its explanatory notes, in the expressions that constitute the melancholic atmosphere of Graciliano's testimony that the translators transform, creating, in this way, a different melancholic atmosphere in their rewriting, and, at last, in the mutation they operate in the melancholic antagonistic movement and the elliptical language of *Memoirs*. As a consequence of such gestures, traces of an open wound in *Memoirs of Prison* become relevant in *Mémoires de Prison*, in the sense that Derrida (2000) engages to the action of making “relevant”: suppressing and elevating, in the same movement of iterability (repetition and deferral) that keeps the mourning for the non-present other and his non-appropriable signature. The data presented in this paper are based on the analysis of the first volume of *Memories*, entitled “*Voyages*”, and its translation.

Keywords: Literary translation. *Mémoires de Prison*. Testimonial writing. Graciliano Ramos. Derrida.

2

Na esteira da perspectiva derridiana de escrita, enxergamos *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos, como a incisão de uma *blessure*, ou seja, uma ferida aberta e destinada ao testemunho do leitor (Derrida, 2003). A palavra *blessure*, em francês, remete tanto à significação referente a uma lesão infligida no corpo como ao sentido da ofensa, do dano moral profundo ou do trauma. Esse termo é abordado por Derrida (1992, 2003, 2007) como uma incisão marcada na escrita, na leitura, na tradução pelos mecanismos de apropriação da língua por um sujeito, seja ele o autor, o leitor ou o tradutor. De acordo com o filósofo, no momento em que se escreve e se assina um texto, inaugura-se uma marca que é, nesse instante, segregada da mão que a inscreve, do presente da sua criação, das intenções autorais e até mesmo do(s) destinatário(s) a quem a escrita deveria supostamente endereçar-se.

Na apropriação de uma língua, de uma escrita, de um acontecimento na língua, na escrita e na tradução, testemunha-se que, no que toca à linguagem, tal pretensão revela-se impossível, uma vez que o funcionamento da escrita é tributário do seu “abandono” por aquele que a concebe, ou seja, pelo autor. Ela, portanto, é abandonada como um rastro. O esforço de apropriação desse traço resulta no testemunho de um corte que escapa à qualquer tentativa de fechamento, de costura entre o instante da escrita e o instante da leitura e da tradução, entre um “querer-dizer” do autor e o que chega aos “ouvidos” daqueles que recebem seu texto. No esforço de forjar uma completa assimilação do texto do outro, da sua marca, esse corte não se fecha, mas se alarga como uma ferida. Tal é o cenário da incisão de uma *blessure* na escrita e na tradução, segundo Derrida (1992, 2003, 2007).

O livro de Graciliano Ramos, como escrita testemunhal, manifesta uma dupla ferida, a saber, o trauma narrado e sua inscrição na linguagem que, por si, inaugura o corte escritural do qual falamos. Observamos o testemunho dessa *blessure* na escrita tradutória, em *Mémoires de Prison*, de modo que algo, na narrativa de Graciliano, parece-nos ter afetado os tradutores, num movimento similar ao que Derrida (2001, p. 39) elabora como a efração que “atravessa a superfície” da representação, e, desse modo, “perfura”, “golpeia” e “fere” aquele que se vê diante da escrita autobiográfica e melancólica do outro.

Na cena tradutória, em que os tradutores testemunham o corpo textual ferido pela narração da experiência esmagadora do cárcere, deve-se repetir essa escrita contundente. Esta cena, portanto, é marcada pela repetição em que o corpo original é substituído por outra escrita que promete testemunhar “o mesmo”. Todavia, ela não logra trazer o testemunho do outro à presença em si. Não presentificando esse outro corpo textual “enquanto tal”, a tradução viabiliza seu retorno na forma espectral de seu rastro. Na espectralidade desse rastro, o texto de Graciliano sobrevive à passagem à outra língua, num corpo escritural outro. Como consequência, a *blessure* original já não é a mesma, mas configura-se como boca aberta por onde se inscrevem a assinatura, testemunhada como “voz autoral”, e a contra-assinatura dos tradutores que se configura como as marcas que eles deixam na escrita tradutória e que não se apagam diante do que se idealiza como a voz de Graciliano; como se fosse uma dupla assinatura, a assinatura dos tradutores sobre a assinatura do autor.

Escrita e tradução, no terreno fissurado sobre o qual se desdobram, revelam o trauma a ser testemunhado e traduzido como uma ferida aberta que as palavras não logram fechar, mas, elas mesmas, alargam os lábios da chaga, dão testemunho de um doloroso e inevitável vazio, de um “resíduo puramente idiomático” (Derrida, 1995) irreduzível ao testemunho e à tradução.

Na busca por uma completude do sentido, de significantes que suportem o peso de uma experiência limite, entre a vida e a morte, escrita e tradução se deparam com a “falta”, com o “hiato”, com a ausência de uma sonhada plenitude de um texto acabado. Essa não-presença marca a escrita como inscrição de uma *blessure* e guia-nos a um luto interminável na relação com o outro que não aparece enquanto tal, seja ele a memória que se quer resgatar, o cárcere, o trauma testemunhado, o eu autobiografado, o texto a traduzir, ou o trauma atestado numa escrita dita “original”.

Nesse impasse, o trabalho de luto, nos termos em que Freud (2011) conceitua, não pode ser bem-sucedido, uma vez que não alcança seu fim – fim que implicaria uma reconciliação tranquilizadora com a não-presença do outro. No caso das *Memórias* de Graciliano, como o

sujeito enlutado poderia apaziguar a relação com um passado que fere, mas que, todavia, não se encontra presente em algum lugar, à espera de um resgate com a promessa de total compreensão e superação?

O trauma que não se faz presente, mas cujos rastros incidem na memória, continua a atormentar e a demandar seu testemunho, sua passagem à língua, processo que, em si, é perturbador. Traduzir a dor nas palavras implica uma angustiante reabertura da “chaga”, disseminando-a e, portanto, continuando a ferir. Diante de tal circunstância, as *Memórias do Cárcere* dão forma a uma escrita melancólica, sobre a qual Oliveira (2014) lança luz. Corroborando para a nossa reflexão o que a autora pontua sobre esse testemunho de Graciliano: “as feridas – físicas ou emocionais – permanecem no corpo daquele que viveu no cárcere e se constituem como um dos principais instrumentos na construção da narrativa” (Oliveira, 2014, p. 12). Na condição aporética do luto demandado e impossível, a disposição melancólica encontra terreno fecundo. Os traços melancólicos nas *Memórias*, como demonstraremos, são relevados na tradução, no sentido que Derrida (2000), traduzindo o termo hegeliano *aufheben/ aufhebung*, enreda à ação de “relevar”: suprimir e elevar, num mesmo movimento de iterabilidade (repetição e diferimento). Noutras palavras, a escrita tradutória de Seel e Coli, em *Mémoires de Prison*, “incorpora” rastros de uma melancolia original, não nos modos de uma cópia, de uma restituição integral desses traços, mas atestando uma irreduzível *différance*¹ na repetição.

4

O “Original” Como Exumação

No instante em que Graciliano traduz na sua língua o trauma sofrido, sua escrita se transfigura numa ferida a torturá-lo até mesmo fora do cárcere, num processo que se assemelha à abertura da “cripta” e à “exumação” das lembranças enterradas. Divisamos tal semelhança, entre o gesto penoso da escrita e o trabalho lutuoso de desenterrar o passado, no capítulo introdutório de *Memórias do Cárcere*. Nesse espaço prefacial ao relato, Graciliano confessa: “ser-me-ia desagradável ofender alguém com esta *exumação* . . . Estou a descer para a *cova*, este novelo de casos em muitos pontos vai emaranhar-se, escrevo com lentidão – e provavelmente isto será *publicação póstuma*, como convém a um livro de memórias.” (G. Ramos, 1954a, p. 8, grifos nossos).

Na relação que aqui se desenha, entre o trabalho de “exumar” algo e o relato de acontecimentos e sentimentos a florados no cárcere, revela-se inegável o fato de que as lembranças daquele ano “terrível de trevas e morte” foram reprimidas, silenciadas ou, noutros termos, estavam “enterradas” pelo e no sujeito que sofreu as dores físicas e as ofensas impostas

na prisão. Em vista dessa memória que precisa ser “escavada”, o narrador se põe na situação do sujeito impedido de iniciar ou dar seguimento ao processo de luto. Por conseguinte, ele instala em si o que Abraham e Torok (1995) nomeiam como cripta – metáfora da qual os teóricos lançam mão para traduzir o silenciamento e o recalque da realidade insuportável. A testemunha que vivencia um luto interdito, ou seja, uma perda ou um trauma que não pôde ser narrado, traduzido em palavras e, então, testemunhado, “enterra” em si essa dor.

Antes de Graciliano assumir o compromisso tradutório do testemunho, ou seja, antes de assumir a tarefa de trazer à tona o que viu e sofreu na prisão, esses acontecimentos estavam recalçados, ocultados, mantidos em segredo, “sepultados” vivos. É nesse sentido que testemunhar é, para o escritor, desenterrar os fatos e iniciar o processo de luto, libertando da “cova” as *Memórias do cárcere*. Alinha-se à presente leitura o que Abraham e Torok afirmam sobre o luto indizível que “instala no interior do sujeito uma *sepultura secreta*” (Abraham & Torok, 1995, pp. 246, 248, grifos dos autores).

No seio dessa sepultura se enclausura o que não pôde ser dito, o que do trauma extrapola o campo simbólico, a representação e a possibilidade tradutória por meio da língua. A vivência traumática em si tende a resistir à apreensão pela teia simbólica, uma vez que se trata de um acontecimento inesperado, muitas vezes inimaginável, nunca antes vivido e traduzido pela testemunha (Seligmann-Silva, 2005). É nesse sentido que, coerente com o pensamento de Abraham e Torok (1995), algo da cena traumática resiste como um “corpo estranho” dentro do sobrevivente, levando-o a manifestar traços melancólicos desencadeados, especialmente, na conjuntura de um luto reprimido.

O “corpo estranho” indizível que fere o “campo simbólico” não pode vir a lume, nem tampouco desaparecer no silêncio que se instaura em decorrência do luto suspenso, da simbolização interrompida. O que não pôde ser dito, conforme vimos, permanece dentro do sujeito como uma “sepultura secreta”, como uma cripta que esse “eu” traumatizado instala em si diante da dor indizível.

No entanto, o que escapa à representação não é composto senão pela linguagem, pela significação inconcebível do trauma, seja na violência, na perda, no aviltamento ou na tortura presenciada e sofrida. Dito de outro modo, o conteúdo da cripta, no sujeito emudecido pelo choque, não se deixa revelar numa simbolização pretensamente “transparente” na língua; todavia, não se trata de outra coisa senão de palavras (Abraham & Torok, 1995).

Ora, como conceber a memória do trauma senão pela linguagem? Ainda que se recuse o luto e o testemunho, o silêncio percebido, reconhecido e, às vezes, justificado – como lemos

no decorrer do primeiro capítulo das *Memórias* – corresponde ao silenciamento, à falta perturbadora de palavras no momento em que a tradução testemunhal do trauma é demandada.

Uma das razões de que o narrador lança mão para justificar os anos de silêncio manifesta a natureza devastadora e inenarrável da experiência: “emergimos lentamente daquele mundo de trevas e morte. Na verdade, estávamos mortos, vamos ressuscitando” (G. Ramos, 1954a, p. 7). Nessa lenta “emersão” do cárcere, observamos sinais de um esforço para “retornar” à vida, isto é, um certo impulso para afirmar a sobrevivência após uma experiência limítrofe, entre a vida e a morte. Se, por um lado, tal esforço viabiliza a escrita daquelas memórias, por outro, a escrita é a premissa indispensável para assegurar a sobrevivência. Ainda que traduza o sofrimento imposto a um sujeito ferido e dilacerado, a escrita se coloca ao lado da vida, como forma de cicatrizar a ferida e restituir uma subjetividade “pulverizada” na despersonalização engendrada no cárcere.

O relato daquele acontecimento pungente é, portanto, uma escrita enlutada, destinada ao luto pela imersão da testemunha no “submundo” funesto da prisão. Contudo, o trabalho de luto iniciado com o impulso tardio da escrita é destinado a um desfecho adiado, sem resolução, aberto, como o próprio livro nos propicia performance de um “fim” suspenso – segundo o depoimento de Ricardo Ramos². Na narrativa, não se testemunha um fim que retrataria um Graciliano *em liberdade*³, do modo em que seu filho anuncia em nota final como objetivo interrompido pela morte do autor/testemunha: “– Que é que pretende com o último capítulo? Sensações da liberdade. A saída, uns restos de prisão a acompanhá-lo em ruas quase estranhas” (R. Ramos, 1954a, p. 163). Sendo assim, a superação do aprisionamento parece não ter, de fato, acontecido. A fissura continua aberta, assim como o luto diante do “dano irreversível” da prisão.

Iterabilidade, Alteridade e o Luto por Vir

Antes mesmo de experimentar as consequências do dano irreversível, no ato escritural em si, coloca-se à prova um luto por uma “origem” rasurada. O pensamento de Jacques Derrida (1992, 2012) permite-nos divisar a escrita como atividade enlutada em decorrência da fissura que a iterabilidade provoca no traço escritural ou memorialístico que se concebe como evento original.

Em conformidade com o filósofo franco-argelino, o termo “iterabilidade” envolve um duplo movimento de repetir e transformar, movimento crucial na escrita (Derrida, 1991a). Os signos são marcados estruturalmente por esse movimento, uma vez que devem ser iteráveis

para haver legibilidade, ao mesmo tempo em que a abertura para a leitura e contra-assinatura do outro, inevitavelmente, envolve transformação. É somente possível se comunicar na condição de que as palavras permitam a repetição de certos traços de significação atestados nas leituras dos participantes de determinada interação. No entanto, em cada “retomada”, “citação”, repetição, mobiliza-se o funcionamento dos signos e da escrita na leitura do outro que, estando ele ligado ou não ao autor por um contexto cultural, se “apropria” da escrita de modo que o escritor já não pode prever e controlar.

Logo, a repetição põe em movimento o corte com a pretensa presença de significados intencionados por um escritor e, por conseguinte, abre sua escrita para outras leituras, num “mesmo” contexto histórico e cultural ou em outro, fazendo irromper outros sentidos decorrentes de novos pontos de vista. Nesse movimento, tem início a disseminação do rastro que o autor imprime numa escrita da qual já não é mais presença autoritária e reguladora. Em contrapartida, algo desse rastro deve ser reiterado, resistindo à completa transformação, para que uma assinatura continue a ser lida como “tal”. É a partir dessa conjuntura que falamos de uma iterabilidade como repetição e diferimento.

De acordo com o que o filósofo propõe, a ferida (*blésure*), no movimento de retomada de um acontecimento na escrita, surge no inevitável abalo do caráter único e inesperado do evento, abalo que se provoca na repetição diferida da escrita, ou seja, na sua iterabilidade. A partir do momento em que é escrito, o acontecimento singular se abre, se ferindo, para a repetibilidade movimentada nas leituras e, eventualmente, nas traduções por vir.

Aludindo à grafia de uma data, como ato exemplar de um texto que se quer único na referência ao presente singular da escrita, Derrida (1992, p. 391, tradução nossa) afirma: “uma vez lida, fazendo referência ao calendário ou não, é imediatamente repetida e, como consequência, nessa iterabilidade que a torna legível, ela perde a singularidade que guarda. Perde aquilo que quer guardar. Queima o que quer salvar”⁴. A potência de legibilidade da escrita está na possibilidade de repetição em outros instantes, o que promove a ruptura com um presente singular, com a presença que se quer conservar e arquivar numa “exterioridade” documental/escritural.

Há, no entanto, ruptura antes mesmo de o texto materializar-se. Antes do que podemos designar como testemunho “original”, infere-se, no acontecimento presenciado, uma iterabilidade. Ou seja, no evento que se quer traduzir na língua, na fala ou na escrita – mesmo se tratando de um evento inesperado, nunca antes presenciado e, em certos casos, traumático – já se pressupõe seu “retorno” no rastro que ele deixa na memória (Derrida, 1995). Tal rasura

não significa, contudo, uma supressão do que é inesperado e, portanto, único no evento. Falando com Derrida (2012, p. 243), o acontecimento permanece novo, entretanto, essa novidade “implica nela mesma a reaparecência⁵”. Tocamos, aqui, a questão da “origem não-originária”, ou seja, do evento original sob rasura, advindo e por vir na forma não-presente do seu rastro.

No retorno da realidade traumática à memória, à escrita, à leitura e à reescrita em outra língua, a “primeira” inscrição, ou a aparição anterior, se dispersa, dando lugar à “reaparecência”. Desse modo, além de uma repetibilidade implicada na singularidade, singularidade, inclusive, em cada retomada, é preciso que “o apagamento da primeira ocorrência esteja já engajado; daí o *luto*, o póstumo, a *perda* que selam o primeiro instante do acontecimento como originário” (Derrida, 2012, p. 243, grifos nossos).

Fatos presenciados se obliteram no tempo, legando seus rastros àquele que, ao se oferecer como testemunha “privilegiada”, presente na cena dos acontecimentos, expressa a angústia diante do apagamento dessas ocorrências. É dessa maneira que “ouvimos” a confissão de Graciliano, fadado ao luto pelos “casos passados há dez anos”, casos em vias de se dissiparem da memória. Em vista disso, o escritor confessa: “com esforço desesperado arrancamos de cenas confusas alguns fragmentos. Dúvidas terríveis nos assaltam” (G. Ramos, 1954a, p. 10).

Essa “confissão” sobre as dificuldades de sua tarefa é também uma dúvida quanto ao seu papel de testemunha “privilegiada”. Dúvida que podemos ler como estratégia para justificar a fixação em questões que afetam profundamente o narrador, em detrimento de outros pontos pungentes que possivelmente outras testemunhas relatariam: “nesta reconstituição de factos velhos, neste esmiuçamento, exponho o que notei, o que julgo ter notado. Outros devem possuir lembranças diversas. Não as contesto, mas espero que não recusem as minhas” (G. Ramos, 1954a, p. 10).

De qualquer sorte, a dúvida posta confessa o anseio em traduzir a “verdade” dessas memórias “ameaçada” ora pelas “vacilações dolorosas” das reminiscências, a anunciar o desaparecimento dos fatos, ora pela diferença entre testemunhos de um “mesmo” acontecimento traumático. O que resta nas diferentes impressões do evento – que, obliterando-se, dá lugar aos relatos – é o que fere suas testemunhas, o que deixa na memória a marca profunda e *di-ferida*.

Não distante desse pensamento, Derrida (2001) assevera que no instante ou no ponto singular de um acontecimento, uma ferida surge e, nesse ferimento, o acontecimento singular

e original é entregue “à substituição, que repete a si mesmo lá, retendo do insubstituível apenas um desejo passado”⁶ (Derrida, 2001, p. 67, tradução nossa).

A fissura no lugar do acontecimento é como um rastro que lhe envia ao porvir, fazendo-o retornar através da repetição e substituição. Nessa iterabilidade, ou seja, no retorno e na transformação, retém-se “um desejo passado” pela origem que, ao ser iterada, não surge enquanto tal, mas pode ser testemunhada no luto que se inicia pela sua não-presença. Tal conjuntura reserva à tradução a tarefa enlutada de repetir, transformando e elevando, um texto original que se ausenta para dar lugar a uma nova escrita que carregue, em si, seus rastros. Dessa origem, resta o desejo pelo (re)encontro sempre esperado e adiado. Em outras palavras, resta o luto por vir⁷, a busca incessante pelo que não se faz presente, mas deixa a ferida aberta à possibilidade de um “retorno” nas repetições e idealizações.

A demanda impossível do luto comanda tanto o testemunho de Graciliano quanto sua tradução para o francês. A tradução constitui, portanto, essa prática que faz com que o texto do outro e, conseqüentemente, sua assinatura, sobrevivam e continuem a ser lidos na língua e na escrita dos tradutores. Tratar-se-ia, então, de se apropriar sem se apropriar completamente do outro, falar com ele sem silenciá-lo, rasurar sua escrita, sem destruí-la, contra-assinando o texto e um resto secreto e inapropriável da sua alteridade.

9

A Escrita Enlutada da Tradução em *Mémórias do Carcere* e *Mémoires de Prison*

Assim como ocorre na tradução, “só podemos viver essa experiência [enlutada] sob a forma da aporia” (Derrida, 1988, p. 54, tradução nossa), entre duas impossibilidades negociadas ininterruptamente: interiorizar uma alteridade e conservá-la viva enquanto “tal”, “na sua distância infinita” (Derrida, 1988, p. 29), em oposição à unidade de identidade para a qual a interiorização do outro se inclina. No plano tradutório, a aporia do luto manifesta-se na dupla injunção da tarefa do tradutor que, como antecipamos acima, consiste em se apropriar da escrita do outro e, contrapelo, dar lugar para que ele continue a assinar, a “falar” e a ser lido como testemunha privilegiada. Portanto, o acontecimento da tradução e da escrita triunfam na “falha” do processo de luto, isto é, na falha que, falando com Derrida (1988, p. 54), “tem sucesso”, “na internalização que aborta”, que interrompe a assimilação, acrescentando à reescrita, assinada pelo autor, algo novo, a contra-assinatura do tradutor.

As marcas da assinatura de Graciliano e da contra-assinatura de Seel e Coli em *Mémoires de Prison* revelam a condição aporética de um luto tradutório cujo imperativo de introjetar o corpo textual do outro é suspensa haja vista a impossibilidade de idealizá-lo e

promover seu retorno pleno em outra língua e outra escrita. Em contrapartida, o rastro da escrita já fissurada, enlutada e melancólica de Graciliano sobrevive à passagem ao texto em francês, embora sua sobrevivência coloque em curso traços de uma outra escrita (tradutória) também enlutada.

Trata-se, portanto, de um luto por vir na cena tradutória, cujos vestígios podem ser encontrados, em nível lexical, nas palavras não traduzidas, acompanhadas de notas explicativas – que por si já atestam a impossível apropriação da língua do outro – e nos signos que compõem a trama melancólica – que os tradutores transformam, ora intensificando o lado disfórico, ora o atenuando. A um nível que transborda a palavra, encontramos vestígios de uma (re)escrita enlutada no movimento antagônico da melancolia que os tradutores deslocam e na mutação que eles operam na linguagem do original – preenchendo suas “lacunas” com elementos de ligação, atenuando, muitas vezes, o que testemunham como aspecto elíptico, seco e acerado da narrativa de Graciliano: “as frases são despidas de ligações inúteis, do menor adjetivo supérfluo que viria velar, com suas cores, os objetos e os homens . . . Essa escrita, tão acerada, tão áspera, não é, contudo, um relato frio e objetivo...”⁸ (Seel & Coli, 1988, p. 9, tradução nossa). Esse estilo áspero, segundo os tradutores, “corresponde à posição do autor face à realidade que exclui o sentimentalismo e a ênfase na retórica”⁹ (Seel & Coli, 1988, p. 10, tradução nossa).

10

Apesar de atestarem um compromisso com essa escrita acerada e áspera do romancista, isso não vai impedir que os tradutores tragam elementos da sua leitura que vão permear o processo tradutório, muitas vezes transformando o próprio texto de Graciliano, preenchendo, como veremos, os “silêncios” que percebem na *secura* da sua linguagem. Os tradutores vão repetir a escrita melancólica de Graciliano, mas trazendo novos elementos à escrita original. Portanto, há uma aporia análoga a do luto demandado, necessário como a representação do que não está presente – a saber, o texto de partida na língua francesa –, e suspenso pela impossibilidade de interiorizar o corpo textual do outro, conservando sua alteridade.

Embora mobilize a tradução, tal aporia, longe de tranquilizar a ligação disjunta com a escrita da qual a tradução é herdeira, prolonga o anseio por sentidos que se acredita agarrados ao corpo textual e à língua do outro. Sentimento que revela um sintoma melancólico, uma agonia diante de uma “perda” que o sujeito não consegue identificar e simbolizar. Por conseguinte, o tradutor, assim como o sujeito enlutado na sua melancolia, fica preso a um “passado” concebido como receptáculo da plenitude que busca, mas que se mostra inexistente (Peres, 2011).

Não é difícil perceber, na tradução que Seel e Coli elaboram para o texto de Graciliano, essa “agonia” diante de uma “perda” melancólica não identificada que prende o sujeito e a tradução a um passado (Lages, 2002). Cada palavra que os tradutores hesitam em traduzir, cortando o texto francês com a estranheza de significantes de outra língua, faz surgir um vestígio desse luto por vir no desejo de reter a marca insubstituível do outro. Os tradutores parecem rezear, com a substituição de uma escrita por outra, o apagamento de um significado que acreditam estar assegurado no texto original. É o que acontece com os termos “tamancos”, “senzala”, “sertão”, que, inscritos em português, acenam o receio de apagar uma “ferida” original na substituição de significantes: “*les tamancos auraient donné à mes pieds de l’espace et une relative liberté*” (G. Ramos, 1988, p. 432); “*mais une raclée – grand Dieu! C’était la dégradation irrémédiable. Cela rappelait l’eito, la senzala, le tronco, le feitor, le capitão-de-mato*” (G. Ramos, 1988, p. 133); “*voilà comment l’on voit les choses dans ma région, surtout dans le sertão*” (G. Ramos, 1988, p. 134).

A preocupação em não transformar e, portanto, em não “perder” algum sentido, prende o tradutor ao texto “passado”. Manifesta-se, aí, a disposição melancólica que, segundo Lages (2002, p. 63), se impõe na representação do sujeito “prisioneiro” de “um passado que o atrai com a (falsa) promessa da prazerosa satisfação total do desejo”. Conforme os excertos da tradução evidenciam, o texto original é idealizado como esse “passado” que, para o tradutor, detém o objeto desejado, a saber, a almejada plenitude de sentidos supostamente impressa nos “tamancos”, nos signos que testemunham a ferida da escravidão e do “sertão”.

Em que pese ao esforço de “salvar” os significados “originais” da diferença entre línguas, essas mesmas palavras que os tradutores grafam em português não são isentas das concepções divergentes manifestadas nas leituras na língua do “original” – leituras marcadas pelo recorte, voluntário ou involuntário, de determinadas noções em detrimento de outros tantos efeitos que o contato com as palavras, numa “mesma” língua, suscita. É o que atestamos com o “sertão”, cuja questão da (in)traduzibilidade é familiar à literatura brasileira exportada.

Quando, em outro projeto tradutório – a tradução de *Os sertões*, de Euclides da Cunha – cercam no signo uma região específica do Brasil¹⁰, outras faces dessa “mesma” moeda são emborcadas, faces sobre as quais, por exemplo, se representa a paragem seca de Minas Gerais, cenário de *Grande Sertão: Veredas*. Essa é uma dentre as várias *performances* da disseminação de sentidos que transbordam “um mesmo” signo, numa “mesma” língua.

Em torno das palavras mantidas na grafia estrangeira, cabe indagar, ainda, por que Seel e Coli não traduzem “tamancos” no corpo do texto, mas elaboram, em nota de rodapé, uma

aproximação desse signo a outro em francês: “Sapatos populares, semelhantes aos *socques*, com uma sola de madeira e uma tira de couro ou de tecido”¹¹ (G. Ramos, 1988, p. 36).

Considerando que os “*socques*” também nomeiam calçados de madeira, semelhantes aos nossos tamancos, por que os tradutores não lançam mão dessa possibilidade tradutória? A necessidade da nota e da aproximação dos tamancos aos *socques* evidenciam que a transcrição da palavra do idioma de Graciliano não garante a presença do significado.

Se, por um lado, há aí o anseio de preservar um sentido, por outro, os tradutores transformam o corpo textual do original quando enxertam, na tradução, o termo estrangeiro. A coexistência de duas línguas na narrativa não é testemunhável em *Memórias do Cárcere*. Vemos, então, que, na tentativa de impedir a mutação do sentido, opera-se a transformação no corpo.

Além da diferença que inscreve no corpo da escrita, a palavra em português, ao longo da narrativa em francês, provoca um efeito que eleva esse significante para além do seu suposto conceito, que os tradutores expõem na margem do texto. O gesto põe os “tamancos” em relevo de modo que nos faz retornar, como leitores de ambas as escritas, ao texto original a fim de vislumbrar um rastro pungente e intraduzível nessa palavra. Seel e Coli, ao hesitarem traduzir “tamancos”, parecem testemunhar o que, apenas na língua de Graciliano, acreditam ser possível ler na grafia desse significante. O impacto da leitura dos tamancos em *Mémoires de Prison* não é o mesmo que em *Memórias do Cárcere*. A tradução imprime o rastro de um trauma nesse termo “estrangeiro” a cortar a narrativa na língua francesa – trauma que, ao testemunharem e suplementarem na tradução, os tradutores abrem nela uma outra ferida.

Esse evento, conforme argumentamos, lança luz sobre o gesto melancólico de idealizar o original como receptáculo de significados imutáveis e, assim, como testemunho privilegiado daquilo que não se repete “enquanto tal”. Entretanto, em consonância com o que vimos pontuando, *Memórias do Cárcere* põe em movimento um projeto tradutório comprometido a cercar e a repetir uma verdade ou, nas palavras de Seel e Coli (1986, p. 66), um “âmago” que, “pela desconfiança interminável”, parece “escapar”. Já no relato de Graciliano, há um luto não-findado pelos acontecimentos que não se deixam resgatar imaculadamente no processo narrativo de “exumação”.

É também no processo tradutório que a busca por um “âmago” se manifesta, através das palavras mantidas em português e das notas de rodapé. As notas não fazem senão apontar para uma verdade que os tradutores parecem também perseguir, mas que, no entanto, lhes escapa.

Em que pesem as tentativas de salvar determinado sentido nesses atos, os tradutores não logram identificar e simbolizar essa “verdade” que receiam perder. Desse modo, a “perda” se torna idealizada e “atemporal”, como aquela que mobiliza a lamentação melancólica (Lages, 2002; Peres, 2011). O exemplo dos “tamancos” é emblemático, cuja nota explicativa oferece uma possibilidade de tradução que, para os tradutores, parece não dar conta de um significado e de uma força não identificável que “atravessa” e “transborda” a superfície do texto, “fere” aqueles que se veem diante do testemunho perturbador do outro.

O sintoma de uma “falta” testemunhada nas notas dos tradutores, que escaparia a qualquer significante estrangeiro no texto francês, é observado, também, na nota que acompanha os “mocambos” com os quais Graciliano se depara no trajeto de trem ao presídio em Recife. Essas “*constructions noires sur un terrain inondé*” (G. Ramos, 1988, p. 52)¹² – conforme o narrador descreve – são acompanhadas da seguinte definição na borda do texto: “*habitations misérables du Nordeste*” (G. Ramos, 1988, p. 52). Embora a noção de mocambo transponha a definição dos tradutores – pois pode fazer referência a antigo “refúgio de escravos fugidos” (Mendonça, 2012, p. 155), ou a qualquer moradia de estrutura precária –, a tradução faz advir uma outra ferida no texto em francês. Os tradutores relevam uma marca não distante daquela que Graciliano denuncia em *Vidas Secas* (1938), nessa narrativa que retrata “a existência miserável de trabalho, de luta, sob o guante da natureza implacável [do sertão] e da injustiça humana” (G. Ramos, 2014, p. 67). Eles põem em relevo a marca da desigualdade no âmbito nacional, cujo grande número de vítimas se concentrava, até meados do século XXI, no Nordeste brasileiro, onde os tradutores fincam os “mocambos”.

Se por um lado a incisão de uma palavra estrangeira e sua definição na margem da escrita francesa evidenciam a impossibilidade de “salvar” um sentido original, por outro, a marca de uma chaga social que Seel e Coli gravam na nota de rodapé manifesta uma “dedicação zelosa” ao autor e à sua escrita, distinta pelo teor de denúncia das mazelas resultantes de uma lógica capitalista cruel – lógica à qual ele expõe sua aversão ao procurar justificativas para a iminente prisão: “*étais-je certain, en outre, de ne pas avoir commis une faute grave? Je n'en gardais pas le souvenir, c'est vrai, mais j'avais bien nourri le souhait furieux d'assister à la chute du capitalisme . . .*” (G. Ramos, 1988, p. 35)¹³.

Uma ex-apropriação enlutada está em curso nesse fragmento extraído de *Mémoires de Prison*. Enquanto Graciliano escreve que ambicionava “com fúria ver a desgraça do capitalismo”, Seel e Coli contra-assinam o “desejo furioso” de assistir “à *la chute du capitalisme*”. De um lado, o infortúnio, a calamidade, a miséria, a desgraça do sistema que

preza pelo capital se anunciam como ambição. De outro, se enrijece a significação que caminha para a queda, a degradação, o colapso, “*la chute*”. Nessa troca de línguas, significantes e escrita, entre a “desgraça” e a “queda”, notamos a linguagem ríspida do narrador, que cresceu testemunhando a “natureza implacável” e a “injustiça humana” no sertão, ser esmaecida na narração francesa. Duas escritas diferentes, mas que reforçam a inconformidade daquele que insurgia, com suas “armas, fracas e de papel” (G. Ramos, 1954a, p. 30), contra uma lógica de desigualdade e exploração.

A diferença que se instala nos gestos de apropriação, como vimos observando nessa análise, aponta para o acontecimento da tradução não como mera repetição do testemunho do outro, mas como uma escrita que também testemunha. Noutros momentos de *Mémoires de Prison*, essa diferença coloca em movimento a busca pela apropriação de rastros da escrita melancólica do romancista alagoano. Esses traços “retornam” não de forma idêntica à sua aparição no original, mas de maneira a revelar a tradução como escrita permeada do testemunho que Seel e Coli (1988) prestam à assinatura de Graciliano Ramos, e também ao próprio luto pelo original, na interiorização interdita, mas em curso no processo tradutório.

14

Entre as primeiras considerações em torno da tarefa de narrar o trauma do encarceramento, *Memórias do Cárcere* e *Mémoires de Prison* dão forma a um corpo lexical marcado por palavras que expressam luto, morte, dor, descida, queda, “exumação” como entrevemos no fragmento que segue: “*Bien. Mieux encore: nous pouvons entrevoir le bout du tunnel, nous émergeons lentement de ce monde horrible de ténèbres et de mort. Nous étions bel et bien morts, et nous sommes en train de ressusciter*” (G. Ramos, 1988, p. 23)¹⁴.

A escrita que se volta para um “*monde horrible de ténèbres et de mort*” reúne os traços de uma representação melancólica nos temas ligados à obscuridade, à morte, à queda, à ruína e ao peso da culpa (Lages, 2002). Não obstante, na melancolia, esses temas são contrastados por uma antagônica “redenção iluminada”, como, por exemplo, na perspectiva benjaminiana de uma tradução triunfante que alcançaria o fastígio de uma linguagem universal, adâmica e pura, partindo das línguas “humanas” decaídas em sua multiplicidade (Lages, 2002).

A face triunfante da melancolia que atravessa a cena tradutória não o faz sem evidenciar a *différance*, essa fissura que mobiliza, sempre, outras leituras, outras fissuras. Desse modo, não se trata da ambição benjaminiana de resgatar uma língua ou uma verdade “pura”, embora traços desse anseio possam ser percebidos nas transcrições de palavras do original. A “luz à distância” que já é possível enxergar, como lemos nas *Memórias*, passa a ser o fundo ou fim do túnel (*le bout du tunnel*). Entrever o fim do túnel só é possível a quem está a atravessá-lo, a

quem está submerso nessa construção subterrânea, testemunhando sua inerente escuridão. Essa composição tradutória, portanto, provoca efeitos de sentido que trazem a lume a travessia pela atmosfera “subterrânea” cujo fim, impreciso para quem está a percorrê-lo, é anunciado sempre por uma luminosidade antagônica.

De modo semelhante, essa luminosidade é estranha a quem “habita” uma cripta instalada no lugar das palavras não ditas. Apenas quando consegue emergir dessa “cova”, o autor é capaz de enxergar uma “luz à distância”, anunciando o instante oportuno para o testemunho. Confrontamos, portanto, duas escritas testemunhais e, por que não, duas feridas: a do autor, testemunhando sua sobrevivência ao “submundo” do cárcere, e a dos tradutores, testemunhas da travessia do outro a caminho do *bout du tunnel*, mas também, da travessia de uma assinatura e de um testemunho singular de uma língua à outra, de um corpo textual a outro.

Numa outra travessia, de um presídio a outro, nos confrontamos com a angústia do narrador ao considerar a gravidade das circunstâncias que o cercavam e a incerteza quanto à libertação. Tal angústia o suplicia no encontro com sua esposa, instantes antes da transferência: “*je me sentais étourdi, comme si l’on m’avait donné un coup sur la tête* (G. Ramos, 1988, p. 46)¹⁵. O atordoamento e a confusão mental o sobressaltam. A causa deles surge logo em seguida, quando o autor expressa ter sido tomado por um sentimento de culpa por acontecimentos passados ao se deparar com quem compartilhou aqueles “casos enfadonhos” e testemunhou as “asperezas e injustiças” pelas quais ele se pune: “*Je me jugeais coupable de plusieurs fautes, mais je ne savais pas les définir. J’avais le vague remords de duretés et d’injustices*”¹⁶ (G. Ramos, 1988, p. 46). Tais lembranças levam ao atordoamento marcado na percepção paradoxal do “mal” e do “desastre” – na situação de encarceramento e desemprego – como um “princípio de libertação” das culpas que carrega (“*le mal et le désastre m’offraient un début de libération*”)¹⁷. O desejo que expressa no momento é o de “*fortifier mon coeur, éliminer le passé, faire avec lui ce que je fais quand je corrige une phrase : raturer, grossir les ratures et les transformer en pâtés, supprimer toutes les lettres, ne pas laisser de trace des idées effacées*”¹⁸ (G. Ramos, 1988, p. 46).

Na reescrita dessa cena narrativa, os tradutores rasuram o verbo “toldar” com “obscurecer”, pondo em relevo o traço melancólico da narrativa manifesto na representação de um cenário escuro onde não há espaço para qualquer “projeto elevado”: “*et dans cette dislocation les dates et les physionomies s’obscurcissaient d’une brume épaisse*”¹⁹ (G. Ramos, 1988, p. 47).

Em meio a um certo número de significações, os tradutores optam pelo sentido que reforça o “peso” em torno do sujeito encarcerado e da sua escrita, o que se alinha à leitura que fazem do original: uma escrita “acerada e áspera”, de um mundo “que não libera encantos” (Seel & Coli, 1988, p. 9).

No acontecimento narrado entrevemos uma ambivalência no “princípio de libertação” que “o mal e o desastre da prisão” ofereciam à testemunha. Permeia o original e a tradução o jogo da significação antitética, cara à representação da melancolia, na relação paradoxal entre “baixos” e “altos”, entre a ruína e a sobrevivida triunfante, entre o trauma que barra a representação e a escrita que resiste, insurgindo contra o silêncio. Para traduzir a ferida deixada pelo cárcere, o movimento antagônico é reelaborado pelos tradutores em escolhas que expressam, por um lado, uma “pulsão” um tanto que otimista de atenuar o sofrimento (*fortifier mon cœur*) e, por outro, a conjuntura desesperançosa e obscura que envolve o sujeito (*et dans cette dislocation les dates et les physionomies s’obscurcissaient d’une brume épaisse*). Embora a tradução engendre o jogo de significações ambivalentes, a ênfase nesse aspecto incide sobre pontos distintos na trama textual daqueles que observamos em *Memórias do Cárcere*.

16

“Princípio de libertação” e “*fortifier mon cœur*”, ambos os pensamentos permitem a leitura de uma pulsão triunfante do sujeito a caminho de outro cárcere, se distanciando do seu passado em liberdade, passado que se “obscurecia em espessa névoa”.

Ainda em torno do mesmo fragmento, observamos a modulação pela qual a escrita de Graciliano passa na “voz” dos tradutores. “Supunha-me fraco, a escorregar em condescendências inúteis” adquire a preposição “de”, marcando a subordinação da “fragilidade” sentida à expressão de condescendências: “*je me croyais faible de m’abandonner à d’inutiles condescendances*” (G. Ramos, 1988, p. 46). O ritmo abrupto da escrita de *Memórias do Cárcere*, “despida de ligações inúteis” (Seel & Coli, 1988, p. 9), cortada pela vírgula, nesse trecho, parece guardar um “silêncio” que os tradutores percebem e preenchem com a partícula de ligação. Transformam o corpo do texto, atenuando abruptas “fissuras”, mas diferindo, também, as possibilidades de significação na posição de um narrador que, de um lado, se “supunha” “fraco, a escorregar em condescendências inúteis”, de outro, acreditava-se frágil *por* se render a elas.

Na sequência, deparamo-nos com outro momento em que os tradutores preenchem um certo “silêncio”: “. . . *mais dans ce train, m’éloignant du monde, je commençais à attribuer aux choses des valeurs nouvelles*”²⁰ (G. Ramos, 1988, p. 50). Nesse fragmento, sobressalta-se a diferença na ressignificação do elemento dêitico “ali” por “*dans ce train*”. Diferença, no

entanto, que se aproxima de uma instância maior de sentido. Ao substituir “ali” por “*dans ce train*”, os tradutores reconstróem o espaço em que Graciliano se encontrava, a saber, no trem com destino à prisão de Recife. “Naquele trem” vem unir-se à transformação operada em “ausentando-me” para “*m’éloignant du monde*”, na costura da trama em que o narrador se vê, naquele instante, se distanciando (*s’éloignant*) do mundo, ao passo que o trem seguia, levando para longe aqueles que “ameaçavam” uma pretensa ordem social.

Eleva-se, nessas transformações, a marca da contra-assinatura dos tradutores ao lidar com a escrita lacônica de Graciliano que, embora reconheçam esse traço, não logram, nos trechos analisados, torná-lo presente na tradução. Na *différance* que mobilizam, percebemos um silêncio, uma lacuna, uma falta que testemunham no original e se comprometem a preencher. Todavia, a falta pode também ser lida como excesso, em que “ali” remeteria a diversos sentidos, entre os quais citamos, na escuta das *Memórias*: nessa situação de prisioneiro, nesse mundo de morte e trevas, nessa privação de direitos, nesse “fora” do mundo, “nessa ausência em curso”, “nesse distanciamento”, “naquele trem”. Na remessa a várias leituras, um sentido parece, aos tradutores, ter sido silenciado. No silêncio “ouvido”, forjam sua escrita, suplementando o “vazio” com a referência ao espaço físico (*dans ce train*) em que a testemunha se encontrava.

Nos vemos aqui diante da performance do que os tradutores anunciam sobre o processo de criação do romancista, que “é antes o do corte, da suspensão, da redução . . . E desse modo, ele busca atingir um âmagó feito apenas de palavras necessárias, embora esse âmagó, pela desconfiança interminável, pareça continuamente escapar” (Coli & Seel, 1986, p. 66).

Considerações finais

O depoimento dos tradutores, por meio do prefácio e das notas, e a prática da sua tarefa, fornecem-nos sinais de um luto interrompido por um corpo textual que, como o “âmagó”, escapa à escrita de Graciliano, mas também à de Seel e Coli (1988), não se materializando, portanto, numa presença apropriável. Não obstante, esse corpo deixa ali, no rastro de uma linguagem melancólica, taciturna e pungente, algo que deve ser iterado e alterado em outra escrita, em outra língua. Em vista da impossibilidade de incorporar as *Memórias do Cárcere*, verificamos nos exemplos apontados que os tradutores intervêm nelas, de modo a transformar seu ritmo “cortado” numa escrita mais fluida, atenuando certas agruras da língua de Graciliano.

Em contrapartida, a tradução “exuma” e põe em relevo outras tantas feridas, na suplementação das faltas que os tradutores experimentam ora nos “intraduzíveis” tamancos,

ora nas palavras “silenciadas”. Por fim, colocam à prova a iterabilidade na repetição que desloca o movimento antitético da escrita de quem está a “descer para a cova” ao ritmo em que vai, paradoxalmente, “ressuscitando”. Nessas intervenções, a *blessure* original já não é a mesma, mas uma nova *blessure*, uma nova escrita e (contra)assinatura, di-feridas e enlutadas por uma origem inapropriável.

Testemunhamos, na presente reflexão, a cena enlutada e melancólica entre as *Memórias* de Graciliano e seu “retorno” em *Mémoires de Prison*. Dito de outra forma, a escrita tradutória de Seel e Coli surge-nos como testemunho enlutado das feridas inscritas no relato incisivo de Graciliano. Os tradutores colocam em cena uma escrita tão melancólica como a que apreendem nas *Memórias*, dando, portanto, a entrever as próprias afecções no contato com o corpo textual ferido do outro. Nessa experiência enlutada de escrita, o trauma de Graciliano continua a ser testemunhado, sobrevivendo à sua ausência e à passagem entre línguas, entre corpos escriturais, por meio de um processo tradutório que relevou seu testemunho, numa performance do que lemos em Derrida (2000, p. 42): “. . . o preço de uma tradução, é sempre o que denominamos o sentido, . . . ou o valor do sentido, isto é, aquilo que, libertando-se do corpo, eleva-se acima dele, interioriza-o, espiritualiza-o, guarda-o na memória. Memória fiel e enlutada”.

Agradecimentos

Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb) pela bolsa concedida à doutoranda Aryadne Bezerra de Araújo.

REFERÊNCIAS

- Abraham, N., & Torok, M. (1995). *A casca e o núcleo*. (M. J. R. F. Coracini, Trad.). Escuta. [Tradução de: *L'écorce et le noyau*, 1987].
- Castelo Branco, F. (2015). A democracia por vir: reconciliação e promessa entre Jacques Derrida e Jürgen Habermas. *R. EMERJ*, (18)67, 488-506. https://www.emerj.tjrj.jus.br/revistaemerj_online/edicoes/revista67/revista67_488.pdf.
- Coli, J., & Seel, A. (1986). Um escritor que desconfia das palavras. *Folha de S.Paulo*, Ilustrada, 66.
- Derrida, J. (1988). *Mémoires pour Paul de Man*. Galilée.
- Derrida, J. (1991a) *Margens da filosofia* (J. T. Costa & A. M. Magalhães, Trad.). Papirus. [Tradução de: *Marges de la philosophie*, 1972].

-
- Derrida, J. (1991b). A diferença. In Derrida, J. *Margens da filosofia* (J. T. Costa & A. M. Magalhães, Trad.; C.M. Cesar, Rev. téc.; pp. 33-63). Papirus.
- Derrida, J. (1992). Passages – du traumatisme à la promesse. In J. Derrida, *Points de suspension*, entretiens (pp. 385-409). Galilée.
- Derrida, J. (1995). Freud e a cena da escritura. In J. Derrida, *A escritura e a diferença* (M. B. M. N. da Silva, Trad.; 2ª ed.; pp. 179-226). Perspectiva. [Tradução de: *L'écriture et la différence*, 1967].
- Derrida, J. (2000). O que é uma tradução “relevante”? (O. N. Santos, Trad.). *Alfa*, (44) n. esp., 13-44. [Tradução de: *Qu'est-ce qu'une traduction "relevante"?*, 1998].
- Derrida, J. (2001). The deaths of Roland Barthes. In J. Derrida, *The work of mourning* (P.-A. Brault & M. Naas, Ed.; pp. 31-67). The University of Chicago Press.
- Derrida, J. (2003). *Béliers – Le dialogue ininterrompu: entre deux infinis, le poème*. Galilée.
- Derrida, J. (2007). A verdade ofensiva ou o corpo-a-corpo das línguas (E. P. Ferreira, Trad.). *Especiaria: Cadernos de Ciências Humanas* (10)17, 305-329. [Tradução de: *La vérité blessante, ou le corps à corps des langues*, 2004].
- Derrida, J. (2012). Uma certa possibilidade impossível de dizer o acontecimento (P. Eyben, Trad.). *Revista Cerrados*, (21)33, 230-251.
<https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/26148>.
- Freud, S. (2011). *Luto e melancolia* (Marilene Carone, Trad.; pp. 41-87). Cosac Naify, 2011. [Tradução de: *Trauer und melancholie*, 1917].
- Lages, S. K. (2002). *Water Benjamin: tradução e melancolia*. Edusp.
- Mendonça, R. (2012). *A influência africana no português do Brasil*. FUNAG.
- Miranda, W. M. (2009). *Corpos escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago* (2ª ed.). Edusp.
- Oliveira, A. M. A. dos S. (2014). *Memória, testemunho e escrita melancólica em Memórias do cárcere e Infância, de Graciliano Ramos* [Tese de doutorado, Universidade Federal Fluminense].
- Peres, U. T. (2011). Uma ferida a sangrar-lhe a alma. In S. Freud, *Luto e melancolia*. (Marilene Carone, Trad.; pp. 100-137). Cosac Naify, 2011. [Tradução de: *Trauer und melancholie*, 1917].
- Ramos, G. (1954a). *Memórias do cárcere* (Vol. 1, 3ª ed.). José Olympio.
- Ramos, R. (1954b) Explicação final. In G. Ramos. *Memórias do cárcere*. (v. 4, 3ª ed., pp. 162-164). José Olympio.

Ramos, G. (1988). *Mémoires de prison* (A. Seel & J. Coli, Trad.). Gallimard. [Tradução de: *Memórias do cárcere*, 1953].

Ramos, G. (2014). *Conversas* (T. M. Salla & I. Lebensztayn, Org.). Record.

Seel, A., & Coli, J. (1988). Préface. In G. Ramos, *Mémoires de prison* (A. Seel & J. Coli Trad.; pp. 9-16). Gallimard. [Tradução de: *Memórias do cárcere*, 1953].

Seel, A., & Coli, J. (1993). Quelques sentiers dans les sertões. In: E. da Cunha, *Hautes Terres: la guerre de Canudos* (A. Seel & J. Coli Trad.; pp. I-VII). Métailié. [Tradução de: *Os sertões*, 1902],

Seligmann-Silva, M. (2005). Trauma, testemunho e literatura. In M. Seligmann-Silva, *O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução* (pp. 63-120). Editora 34.

20

-
- 1 Neografismo que Derrida forja na língua francesa trocando, na palavra *différence*, o segundo “e” por um “a”, para que nela se faça possível a leitura de duas significações do verbo diferir: 1. diferir no espaçamento – no entre-lugar em que uma suposta verdade, um sentido ou um acontecimento que se queira arquivar na escrita não se apresentará como presença incontestável e idêntica a eles mesmos, mas como um rastro de um acontecimento já ausente, rastro que, na ausência de um “querer-dizer” “original”, abriga a experiência disseminada da escrita nas infinitas possibilidades de leituras por vir –; 2. diferir no tempo, isto é, adiar o encontro prometido nos atos de fala ou escrita com uma origem, uma verdade, um destino ou um sentido pretendido. Para uma leitura aprofundada, vide “A diferença”, em: Derrida (1991b).
 - 2 O livro *Memórias do Cárcere*, postumamente publicado, teve sua escrita interrompida, conforme lemos na nota anexa às últimas páginas, elaborada pelo filho de Graciliano e também escritor, Ricardo Ramos. Sua “Explicação Final” traz o depoimento de que restaria o último capítulo para findar a escrita das *Memórias*, quando a morte do autor veio suspender e adiar para sempre esse suposto “fim literário”. Tal depoimento fornece-nos o testemunho da falta de um fechamento, de uma abertura, de uma ferida que a *Explicação* não somente anuncia, mas inscreve, fazendo irromper um hiato na narrativa através do qual os leitores atestariam a “mesma” falta. Desse modo, seu texto manifesta um gesto de “preenchimento” da ausência percebida cuja consequência não constitui uma constatação dessa falta, mas a *performance* e produção dela.
 - 3 Parece-nos que a anunciada “falta” de um “fim literário” que relataria “sensações de liberdade” foi o ensejo para a autobiografia ficcional, *Em liberdade* (1981), escrita por Silviano Santiago. O fio condutor da ficção é um suposto diário em que Graciliano havia conservado suas memórias após ter saído da prisão. A própria declaração, elucidada por Wander Melo Miranda, sobre sua ficção nos moldes de uma “autobiografia” leva-nos a concluir que o “fim” interrompido de *Memórias do Cárcere* constituiu a abertura para a escrita de *Em liberdade*: “escolhi um momento crucial da sua biografia (quando saiu da cadeia em 1937, no Rio de Janeiro), momento este que não tinha sido explorado literariamente por ele próprio” (Santiago, 1981, como citado em Miranda, 2009, p. 88).
 - 4 “*Dès lors qu'elle est lue, qu'elle fasse référence au calendrier ou non, elle est immédiatement répétée et, par conséquent, dans cette itérabilité qui la rend lisible, elle perd la singularité qu'elle garde. Elle perd ce qu'elle veut garder. Elle brûle ce qu'elle veut sauver*” (Derrida, 1992, p. 391).
 - 5 “Reaparecência” designa a espectralidade do acontecimento “repetível”, “retornável”, mas cujo retorno é esperado e prometido, em vez de ter, de fato, lugar em uma aparição presente. Trata-se, portanto, de uma “(re)aparição espectral”, de uma possibilidade de reaparição – mais que um reaparecimento em si –, de um retorno prometido que se mantém em sua iminência adiada (Derrida, 2012).
 - 6 “*... to substitution, which repeats itself there, retaining of the irreplaceable only a past desire*” (Derrida, 2001, p. 67).
 - 7 A noção do “por vir” é enredada, por Derrida (1994), ao conceito de democracia que, no sentido que elabora de uma democracia por vir, não se daria senão na forma de uma promessa. Como sintetiza Castelo Branco (2015, pp. 500-501), numa perspectiva derridiana, “a democracia é uma espécie de modelo sem modelo; isto é, em nome da democracia reivindicamos que atitudes, políticas, leis, justiça sejam democráticas . . . A

-
- democracia, portanto, está infinitamente aberta para seu outro, para sua perfectibilidade, para a mudança. Por isso, Derrida dirá que toda democracia será sempre uma democracia por vir, uma democracia que comporta em si mesma a diferença em relação a si”. Apropriamo-nos dessa noção para pensar o luto, isso que é da ordem da promessa que comporta em si, na idealização prometida do outro, o impossível e, por outro lado, o que é demandado.
- 8 “*Les phrases sont dénuées de liaisons inutiles, du moindre adjectif superflu qui viendrait voiler de ses couleurs les objets et les hommes . . . Cette écriture, si acérée, si âpre, ne se veut pourtant pas un constat froid et objectif...*” (Seel & Coli, 1988, p. 9).
- 9 “*Ce style correspond à la position de l’auteur face à la réalité, qui exclut le sentimentalisme et l’emphase rhétorique*” (Seel & Coli, 1988, p. 10).
- 10 No prefácio à tradução do livro de Euclides da Cunha, Seel e Coli assim definem o sertão: “região semiárida do interior do Nordeste, capaz de dizimar sua população esparsa durante as frequentes secas, ou de reverdecer em alguns dias, quando a chuva toca a terra, e de tornar-se um verdadeiro paraíso” (Seel & Coli, 1993, p. II, tradução nossa).
- 11 “*chaussures populaires, s’apparentant aux socques, avec une semelle de bois et des lanières de cuir ou de tissu*” (Ramos, 1988, p. 36).
- 12 No texto em português: “construções negras num terreno alagado” (G. Ramos, 1954a, p. 44).
- 13 “demais estaria eu certo de não haver cometido falta grave? Efetivamente não tinha lembrança, mas ambicionara com fúria ver a desgraça do capitalismo, . . .” (G. Ramos, 1954a, p. 22).
- 14 “Bem. Demais já podemos enxergar luz à distância, emergimos lentamente daquele mundo horrível de treva e morte. Na verdade, estávamos mortos, vamos ressuscitando” (G. Ramos, 1954a, p. 7).
- 15 “. . . sentia-me atordoado, como se me dessem um murro na cabeça” (G. Ramos, 1954a, p. 36).
- 16 “Julgava-me autor de várias culpas, mas não sabia determiná-las. Arrepentia-me vagamente de asperezas e injustiças” (G. Ramos, 1954a, p. 36).
- 17 “. . . mal e o desastre ofereciam-me um princípio de libertação” (G. Ramos, 1954a, p. 37).
- 18 “. . . queria endurecer o coração, eliminar o passado, fazer com ele o que faço quando emendo um período – riscar, engrossar os riscos e transformá-los em borrões, suprimir todas as letras, não deixar vestígio de ideias obliteradas” (G. Ramos, 1954a, pp. 36-37).
- 19 “. . . e nessa deslocação datas e fisionomias se toldavam de espessa névoa” (G. Ramos, 1954a, p. 37).
- 20 “. . . mas ali, ausentando-me do mundo, começava a dar às coisas valores novos” (G. Ramos, 1954a, p. 41).